SINTRENSE, 1 - ALMADA, 0

DESCRENÇA E FRAQUEZA — RAZÕES DA DERROTA

Campo da Amoreira, no Estoril.
Árbitro: António Garrido, de Leiria.

SINTRENSE — Gomes; Pardal, Vítor, Madeira e Girão; Mega e Marques; Vítor Cruz, José João, Valente e Marquitos.

ALMADA — Godinho; Rebelo, Eduardo Alves, Leal e Inácio; Moreira, Zegre e Jurado; Fernando, Nunes e Rui.

Resultado feito na primeira parte. Golo de Valente, aos 34 minutos, na sequência de um «canto».

★

Por interdição do seu campo, o Sintrense foi obrigado a deslocar-se à Amoreira (no Estoril) para disputar esta partida com o Almada. Não foi desafortunado. Ganhou, embora com certa dificuldade, a mesma que, decerto, encontraria se actuasse no seu burgo, porque o Almada é uma equipa muito batalhadora em qualquer terreno e que, geralmente, não se sente diminuída em ambientes alheios.

O «onze» de Sintra mostrou-se, sem dúvida, sempre mais diligente, numa movimentação, mais vistosa, a evidenciar, a espaços, superior capacidade organizadora. Melhor toque de bola, um apoio mais certo entre os seus elementos da retaguarda e do meio-campo, mas, a destoar, uma ineficácia assustadora na linha da frente, onde, realmente, residiu o maior óbice na equipa. Contra o vento, na segunda metade do encontro, a turma vencedora continuou a mostrar-se a mais compenetrada e a sua defesa voltou a resolver, a contento, situações perigosas. Mas ao procurarem internar-se, a caminho da baliza contrária, os sintrenses voltaram a mostrar a anterior incapacidade realizadora, perdendo tempo imenso na progressão, com retenções do esférico ou com demasiadas e desnecessárias dobras de passes. Foi por de mais evidente a inadaptação de Valente no eixo do ataque e a fraqueza de penetração de Marquitos, um jogador habilidoso, fino no trato com a bola, com muito futebol nos pés, mas que devia prestar muita atenção à sua preparação atlética para se tornar mais poderoso. Em boa condição física, este atleta iria longe.

Os restantes, ou seja, Vítor Cruz e José João, dois jogadores ainda inexperientes, mostraram-nos algumas qualidades e muitos defeitos.

O Almada desiludiu-nos. Onde está aquele conjunto que tão boas provas deu na última edição da Taça «Ribeiro dos Reis»? A falta de José Luís, no ataque, é insuficiente para explicar a ineficácia da linha da frente, e só uma crise de «forma» dos outros jogadores poderá fundamentar tanta insuficiência físico-técnica, a provocar tamanho desacerto.

Não compreendemos ainda porque manteve o Almada ao longo da segunda parte a mesma disposição táctica do período de tempo anterior, só decidindo uma troca de posições e um reforço ofensivo nos últimos dez minutos. Nessa altura era já tarde para recuperar, como aconteceu.

A arbitragem não desagradou. O árbitro leiriense procurou manter a disciplina, sacrificando a «lei da vantagem». Mas também se mostrou, por vezes, tardio a apitar, em hesitações.

RODRIGUES ALVES